

# Regresso às Origens

O primeiro diretor do ELO, António Calvinho, é diretor convidado deste número. Trata-se de um regresso às origens.

Os dois primeiros números do jornal da ADFA - 0 e 1 - não tiveram diretor; foi só no número 2 que o Calvinho surgiu como diretor interino. O registo oficial não atempado do nome do diretor fez surgir as duas primeiras edições sob responsabilidade coletiva, como indica a ficha técnica, no cabeçalho: «Propriedade - Redação - Direção - Associação dos Deficientes das Forças Armadas». O Calvinho, como futuro diretor formal, foi, logo nesses números, elemento central da redação, até pelas responsabilidades que tinha como presidente da Direção da Associação. O seu cunho ficou impresso na primeira página do número 0. Aí definiu o posicionamento dos deficientes das Forças Armadas de forma esquemática e lapidar através da contrastante ocupação do Palácio da Independência - antes do 25 de Abril, por uma organização instrumental da opressão política; depois do 25 de Abril, por uma força libertadora.

Este regresso do Calvinho é significativo, por três razões: marcantes ausências ao longo da história da Associação; presença efetiva, nos últimos tempos, decorrente do agravamento drástico da deficiência; pleno acolhimento por parte dos atuais responsáveis associativos. O regresso à participação ativa de um dos principais fundadores da ADFA evidencia a solidez dos princípios basilares.

A importância dos primeiros números do ELO não é avaliada pelos padrões formais do jornalismo, porque na sua feitura não houve mão profissional; decorre antes do seu conteúdo, da expressão, em linguagem simples, do sentir dos militares deficientes numa guerra que não deveria ter existido. A condenação da guerra e do regime que a perpetuava representou uma rutura com o passado e a criação de bases sólidas de uma sociedade livre, democrática, liberta do pesadelo colonial e reconhecedora da plena cidadania dos deficientes.

A manifestação pública desta rutura por parte dos deficientes de guerra foi um rasgão em valores tradicionais supostamente intocáveis. Os primeiros números do ELO são um documento histórico:

afrontaram o tabu da guerra e da deficiência; foram mensageiros da boa nova - o envolvimento dos próprios deficientes na alteração das mentalidades.

Os fundamentos de uma diferente atitude face à guerra e à deficiência foram aí lançados por quem detinha a maior legitimidade - os deficientes de guerra; foram inabaláveis e produtivos; foram a base de um edifício legal e socialmente sustentado. Mas não erradicaram definitivamente os tabus. Estes, na sua infinita resiliência, têm vindo, ao longo do tempo, a cerzir aquele enérgico rasgão. São malhas pós-imperiais, subtilmente tecidas por saudosismos subterrâneos, com alheamentos, ou cumplicidades, políticos. A própria ADFA teve momentos de sentida, e experimentada, atração.

A tensão entre a nova atitude e a tentativa do seu apagamento levou a uma ideia equívoca dos deficientes das Forças Armadas. Cabe à memória viva a clarificação, distinguindo o objeto da imagem criada. Este regresso às origens é um bom exercício de memória, a bem da verdade e da coerência.

*António J. Lavouras Lopes, sócio nº 2*

# Um Elo feito por muitos homens

“Quando um ‘homem’ se põe a caminhar deixa sempre alguma coisa pelo caminho”. É gratificante sentir a presença do todo que nos acompanhou ao longo da nossa existência e muito estimulante quando partes desse todo continuam ativas na nossa mente, fertilizando o presente para que o futuro vá acontecendo em cada dia que passa na esteira das sementes (princípios) da sua génese.

Este “homem” que se pôs a caminhar em 23 de Novembro de 1974 não é um homem só, é um “homem” feito de muitos homens, de muitas vontades e, não apenas, de um credo. Esse Homem criado pela jovem ADFA deu e continua a dar pelo nome de “ELO”.

O nosso ELO continua a ligar-nos passados que são estes 43 anos. Curiosamente, ao reler todo o nosso Elo, encontrei o Lopes Dias, atual vice-presidente, e sempre presente na nossa ADFA, desde o primei-

ro dia até hoje (se calhar é o único). Bem hajas Lopes Dias, a tua contínua fidelidade aos princípios da nossa ADFA que ajudaste a construir e, ao longo destes 43 anos, foste o fiel da balança que, nos momentos por vezes conturbados, ajudaste a trazer, 43 anos depois, esta ADFA e este ELO a bom porto. Aqui fica o artigo do Lopes Dias, com assinatura, escrito há 43 anos e com tanta atualidade.

Só mais dois pequenos nada que fazem parte do nosso todo - o ELO: uma carta de duas irmãs que saúdam a criação da ADFA, e um lindo poema da D. Maria do Céu, uma grande Senhora que amou a ADFA desde o primeiro momento e nos doou todo o seu património em Arte, ainda hoje exposto no nosso Auditório Jorge Maurício, com muitas mensagens por revelar.

*António Calvinho*

## REFLEXOS

Diariamente, as estações de rádio, televisão e imprensa trazem até nós, notícias deste Portugal que pouco a pouco sai de longos anos de obscurantismo político-social, industrial e cultural. Nós, camaradas, somos a última consequência desse estado de coisas que são para esquecer. Sabemos todos o estado mais ou menos grave em que nos encontramos, mas, por isso mesmo, teremos que fazer um esforço tanto maior quanto a gravidade para podermos acompanhar a marcha da evolução do nosso novo País. Mais do que nunca, sentimos a necessidade de juntarmos o nosso trabalho à força que sai das fábricas, das oficinas, dos campos e dos escritórios, pois não é agradável ver passar os outros para a «festa da reconstrução» enquanto nós ficamos à «porta» da nossa incapacidade e indiferença.

Amigo, não fiques na «soleira» da resignação, mas antes procura a plena luz da rua onde sentirás de novo as horas boas e más comuns a todos os mortais. E bom jogarmos de novo a vida apesar da nossa deficiência. Perguntas, mas como entrar de novo na luta do dia a dia? Amigo, a distância que vai da «soleira» da apatia à plena luz da rua, é o passo da tua reabilitação psicológica e profissional.

Não poderemos exigir a um músico que seja um bom pedreiro, da mesma maneira que não poderemos pedir a um cego para conduzir um automóvel ou a um indivíduo a quem falte as duas pernas que seja um atleta de salto em comprimento. Cada um de nós tem que ter, em primeiro lugar, consciência da deficiência que, sem a desajarmos, nos pesa como só o próprio sabe.

Depois, camarada, é preciso unirmo-nos para dizermos à sociedade, numa só voz e em força, que estamos vivos e que queremos fazer parte integrante da mesma, de onde fomos desenraizados por motivos alheios ao nosso querer. Unidos somos uma força e com ela podemos substituir os olhos, as pernas e as mãos em novas profissões de modo a mostrar a todo o povo que não somos um peso mas uma força de produção que beneficia a todos. Se de facto sentes isto que te digo, não fiques mais inactivo!... Há sempre uma saída quando o pão da caridade nos é amargo.

No elo da nossa força ainda faltam muitas mãos! Será a tua por acaso? Não demores no começo da caminhada árdua da recuperação e da reintegração social.

*Manuel Lopes Dias*

## O QUE O POVO NOS ESCREVE

Queridos Amigos,

Vocês são admiráveis, dignos de toda a nossa estima e admiração. Que interessa ao indivíduo não ter olhos, braços ou qualquer outro órgão, se é capaz de suplantar todos os outros que aparentemente nada lhes falta.

Infelizmente a nossa Sociedade não está preparada para encarar um deficiente sem aquele odioso, mas compreensivo (das todas as circunstâncias em que vivemos), olhar de dó.

Mas não desanimem, todos juntos havemos de conseguir que ela vos olhe como seres normais que sois.

Todos juntos, vocês, com a vossa grandiosa obra, e todos nós que vos apoiamos.

Estamos convosco sempre e não nos hão-de faltar forças para triunfar no meio desta podridão nojenta que é o capitalismo. Ele há-de morrer asfixiado um dia. Asfixiado no seu dinheiro porque mais não têm e sem ele são inúteis parasitas e o que importa, o que sobrevive, somos todos nós, todos vós Deficientes de alma grandiosa.

Um abraço de todos nós e até todos os dias, porque sempre estamos convosco.

Vossas,

Maria Júlia, Francisca, mãe e Augusta.  
Montijo, 4 de Setembro de 1974.

////

N. R. Obrigado Povo, também estamos convosco, todos os dias, na construção duma Sociedade Justa.

## VISÃO DO ENTARNECER

A tarde vai caindo lentamente  
Serenamente as horas vão passando  
Na linha do horizonte vão mudando  
Os tons róseos, da faixa do poente

Pelas quebradas já a voz dolente  
Da hora das trindades vem soando  
Pela encosta íngreme rezando  
Uma velhinha sobe tristemente

Vai caminhando a custo e a cada passo  
As pernas vão vergando de cansaço  
E tem no rosto os sulcos de amargura

Vejo-a afastar-se, ansiosa, dolorida  
Oh! Imagem cruel da minha vida  
De amarga solidão e desventura.

D. Maria do Céu